



A PERSPECTIVA DIALÓGICA E A COLABORAÇÃO CRÍTICA NA IMPLEMENTAÇÃO DA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA

Marília Vasconcelos Araújo Lima[1]

Raquel Souza Silva[2]

Solano Sávio Figueiredo Dourado[3]

Eixo temático: Estudos de Linguagem

Resumo

Este trabalho analisa o processo de implementação da Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA), pelo viés teórico-metodológico da enunciação bakhtiniana, da pesquisa-ação colaborativo-crítica e do método clínico-qualitativo, buscando analisar o discurso metalinguístico de terapeutas sobre as práticas efetuadas com a CAA. Como resultados aponta-se: o discurso enquanto instância intersubjetiva privilegiada, se torna teoria, método, resultado, análise e discussão; pontos centrais da teoria da Enunciação que aproximam a efetividade de procedimentos na medida em que amplia as possibilidades colaborativas de intervenção. O processo é crítico e reflexivo e deve assumir o desafio da efetividade das práticas, numa linha tênue de interrelações complexas nas análises teórico-metodológicas.

Palavras Chaves: Discurso, Pesquisa-ação, Comunicação Alternativa e Ampliada.

&8203;Abstract

This paper analyzes the implementation process of Augmentative and Alternative Communication (AAC), the theoretical-methodological by the view of Bakhtin's enunciation, collaborative action research, critical and clinical-qualitative method looking for analyze the speech therapists on metalinguistic practices madewith CAA. The results point to: the speech as prime intersubjective instance becomes theory, method, results, analysis and discussion; central points of the theory of Enunciation approach the effectiveness of procedures in that it expands the possibilities of collaborative intervention. The process is critical and reflective and must take on the challenge of effective practices, a fine line of complex interrelationships in theoretical and methodological analysis.

Key Words: Speech, Action Research, Augmentative and Alternative Communication.

1-INTRODUÇÃO

Este trabalho visa relacionar temas presentes no campo da Fonoaudiologia, reconhecendo algumas situações patológicas que impedem ou alteram o funcionamento habitual da comunicação verbal, visto que estas situações permanecem não aceitas prospectivamente pela sociedade, que ainda não percebeu a

fundamental necessidade de se adequar e respeitar as singularidades pertinentes à expressividade é proposto neste trabalho um recurso alternativo (Comunicação Alternativa e Ampliada) para envolvermos esses sujeitos como ativos e capazes dentro do universo linguístico/discursivo.

A Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) advém da necessidade de novas e mais efetivas maneiras de comunicação possíveis para indivíduos com oralidade restrita ou ausente. Assim, a CAA surge na atividade clínica demarcando um episódio fundamental na (re)significação terapêutica. A CAA ainda pode ser considerada um campo de atuação bem recente, com poucas décadas de existência, porém, são muitas as conquistas tanto na consolidação teórica, como na busca por tecnologias que efetivem a sua implementação (GONÇALVES, 2008).

É indubitável a contribuição da CAA na qualidade de vida, na autoestima, na confiança e independência nas atividades diárias do usuário. Entretanto, é preciso abordar a CAA e o seu papel na construção da linguagem, que fomenta discussões além dos aspectos instrumentais e técnicos do uso deste recurso, como, por exemplo, a relação/reflexão entre o método e técnicas utilizadas e a base teórica.

Nesse trabalho será discutida a contribuição da Teoria da Enunciação, proposta por Bakhtin (1929/1995), e como esta teoria pode embasar as reflexões teóricas e metodológicas essenciais ao trabalho com a CAA, além de como o discurso se movimenta nestas práticas.

A teoria da enunciação contempla a intersubjetividade no âmbito dos estudos da linguagem, na qual forma e uso se entrelaçam na constituição de sentidos no discurso. Nesta perspectiva, utilizamos teórico-metodologicamente as ferramentas da pesquisa-ação colaborativo-crítica, numa convergência que põe a primazia coletiva da construção do discurso a favor da ampliação e efetivação das práticas de intervenção com a CAA.

Esse trabalho tem por objetivo analisar como a Teoria da Enunciação bakhtiniana e a colaboração-crítica da pesquisa ação movimentam o discurso metalinguístico de terapeutas sobre as práticas efetuadas com a CAA.

2-Referencial Teórico

É sabido que a comunicação é fundamental à ampliação cognitiva, social e mental do ser humano. Desta maneira, um indivíduo com alterações na qualidade e funcionalidade da mesma terá impactos significativos na qualidade de vida, necessitando de um programa de atenção à saúde voltada à orientação e instrumentalização do usuário e da comunidade no qual faz parte (escola, família, trabalho, etc.). Essa constatação reflete em maiores e mais eficazes condições de igualdade a estes sujeitos, respeitando as divergências e minimizando preconceitos e discriminações, estando assim a favor dos princípios da universalidade, ética, autonomia e diversidade (BERSCH e SCHIRMER, 2005).

Nesse contexto adentra a Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) que é destinada a atender pessoas sem fala ou escrita funcional. Para tal, dispõem de ferramentas como as pranchas de comunicação, construídas com simbologia gráfica (BLISS, PCS e outros), onde a expressão de desejos, sentimentos e emoções é viabilizada. Ainda enquanto recursos existem ferramentas de alta tecnologia, como os vocalizadores (pranchas com produção de voz) ou o computador com softwares específicos, que garantem muitas possibilidades à função comunicativa. Não menos importante, temos objetos reais, miniaturas, objetos parciais, fotografias; símbolos gráficos (Picture Communication Symbols – PCS; Bliss, etc) como ferramentas de baixa tecnologia (BERSCH, 2008; LACERDA, NUNES & NUNES, 2007).

A CAA é uma das áreas da Tecnologia Assistiva que subsidia pessoas com oralidade e/ou escrita funcional restrita ou ausente, uma prática que se propõe a valorizar todas as possibilidades que circundam a expressividade. Neste funcionamento, são trabalhadas todas as maneiras apresentadas pelo sujeito, assim como as novas construções mais específicas desta metodologia, que visam à ampliação da via da expressividade. Recursos como pranchas de comunicação, caracterizadas em simbologia gráfica (desenhos

que representam ideias), letras, palavras escritas que são aproveitadas pelo usuário da CAA, na representação de desejos, de sentimentos, de entendimentos. (BERSCH e SCHIRMER, 2005).

Embora as ações permeadas com a CAA possuam aplicabilidades múltiplas, tais como a qualidade de vida e a independência dos usuários frente às atividades diárias, nos interessam mais amplamente neste trabalho como a CAA age na construção da linguagem. No que tange as teorias de linguagem, nos utilizamos da perspectiva enunciativa de Bakhtin na composição das práticas de implementação, numa fundamentação que permite reflexões teóricas e metodológicas sobre o trabalho com a CAA.

Segundo Brait (2007), a questão da ideologia defendida por Bakhtin e seus companheiros se distancia da caracterização subjetiva/interiorizada ou idealista/psicologizada, nas quais a ideologia ocuparia apenas a consciência individual do homem. Para Bakhtin, a ideologia estaria inserida em todas as questões filosóficas, como na constituição de signos e da subjetividade.

Quanto aos signos, estariam representados em dupla materialidade, com um sentido físico-material e outro sócio-histórico, e mais ainda um ponto de vista. Desta maneira, a realidade dos signos seria representada a partir de um lugar valorativo, em consonância com o domínio ideológico. Assim, todo signo é ideológico e tudo que é ideológico possui um valor semiótico (BAKHTIN, 2006).

Brait (2007, p. 172) nos diz ainda que,

[...] O signo verbal não pode ter um único sentido, mas possui acentos ideológicos que seguem tendências diferentes, pois nunca consegue eliminar totalmente outras correntes ideológicas de dentro de si [...]

As relações de produção e a estrutura política assumem um eixo fundamental na determinação das condições, formas e tipo de comunicação verbal. Assim, o estudo da ideologia deve, metodologicamente: não separar a ideologia da realidade material do signo; não separar o signo das formas concretas de comunicação; e, por fim, não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (BAKHTIN, 2006; BAKHTIN, 2003; ARAÚJO, 2004).

Nesta abordagem, as concepções bakhtinianas apontam para a valorização da enunciação enquanto processo ou atividade verbal. O fundamental aqui não é produto final, o enunciado. Desta forma, a língua é um fato social, que se funda nas necessidades da comunicação que estão sempre ligadas às estruturas sociais (WEEDWOOD, 2002; ARAÚJO, 2006)

Dentre os aspectos ideológicos fundantes da teoria enunciativa, como citado anteriormente, destacam a ausência de neutralidade na valorização dos aspectos linguísticos e a busca por uma construção coletiva que se faz num embate enunciativo, que potencializa os sentidos do discurso e amplia os pontos de recebimentos ao próprio discurso.

Assim, cabe-nos destacar epistemologicamente as ferramentas da Pesquisa-Ação colaborativo-crítica. Neste contexto configura-se como uma teoria-metodologia política que questiona a realidade e a averigua na relação sujeito e objeto com predileção crítica do conhecimento. Enquanto aproximação à perspectiva enunciativa, a pesquisa-ação possui como método o diálogo e busca assim, elevar o sujeitos como seres ativos na história, ressaltando seu potencial coletivo (ALMEIDA, 2010).

O sujeito que é buscado na pesquisa-ação colaborativo-crítica tem uma totalidade indissociável social, biológica, cósmica, psicológica e dinâmica. Posição distante da visão positivista que não assume esta constatação, visto que a "pessoa", objeto de estudo, é subdividida constantemente. Dessa forma, é preciso adotar algumas considerações em se tratando de pesquisa-ação, que em conjunto valorizam a complexidade das relações sociais, a escuta sensível (BARBIER, 2007).

Foi a partir de 1970 que esse caráter de pesquisa se difundiu em diversos países, com características

teórico-metodológicas distintas. Encontrando na Alemanha, na Escola de Frankfurt, através principalmente de Jurgen Harbermas sua vertente emancipatória. Harbermas discorre sobre um interesse humano, de caráter emancipatório voltado à liberdade e a autonomia, distanciando de interações e comunicações alienadas. Nesse sentido, sua teoria social crítica os parâmetros metodológicos que primam pela valorização de aspectos observacionais e dotados de neutralidade.

1.

3.1- Aporte teórico-metodológico

Assim como o pensamento bakhtiniano se distancia de procedimentos preestabelecidos e da neutralidade positivista, o encontro metodológico deste trabalho vem sustentado na polissemia, na plurissignificação e nas nuances do discurso, em seu caráter qualitativamente abrangente e de pertinência social. Assim, buscamos nossas práticas na busca pela Pesquisa-ação colaborativo-crítica e pelo Método Clínico-qualitativo e ainda na Análise do Discurso bakhtiniana.

A Pesquisa-Ação colaborativo-crítica é historicamente marcada pelo compromisso social. Deste modo, Franco (2009) nos aponta que nestas práticas, existe:

[....] a construção de relações democráticas; a participação dos sujeitos; o reconhecimento de direitos individuais, culturais e étnicos das minorias; a tolerância a opiniões divergentes; e ainda a consideração de que os sujeitos mudam mais facilmente quando impelidos por decisões grupais (FRANCO, 2009, p. 485).

Ela demanda dos pesquisadores um interesse mais amplo de não apenas verificar algo, mas de transformar. Uma transformação que necessita interação entre pesquisadores e pessoas pesquisadas e que tem como princípio fundante a declaração que pesquisa e intervenção podem e devem ser trabalhadas paralelamente, quando se almeja a transformação da prática (MATOS e VIEIRA, 2001).

Segundo Jesus e Givigi (2011) a pesquisa-ação colaborativo-crítica, considerada política e participativa, exige do pesquisador a participação como um grupo-sujeito, como mola propulsora do processo que estabelece questões, direciona ações, mobiliza pessoas e trabalha a avaliação crítica dos movimentos. Esse pesquisador coletivo se constitui dentro da processualidade e complexidade da própria ação coletiva, onde pesquisador e pesquisado somam-se de maneira correspondente, o que aumenta a potência de ação, a depender da maneira como somos afetados pela situação e anula quaisquer pensamentos de autoridade e opressão como ferramentas de instituição da coletividade. Assim, escolher a pesquisa-ação colaborativo-crítica como produção de conhecimento é adotar uma posição ética que abriga liberdade e, principalmente, as tensões advindas das tentativas de igualdade.

Buscando um debate que fundamente as vicissitudes deste trabalho no ambiente clínico (cabe destacar que não é de nosso interesse desmembrar a significação clínica de outras contingências sociais), somado à pesquisa-ação, temos o método clínico-qualitativo, que traz em suas bases valores que potencializam o sentido que tentamos neste trabalho.

De acordo com Turato (2003), nesta metodologia o pesquisador estreita relações com as condutas patológicas e encontra suporte neste tipo de pesquisa para que possa analisar o quadro de modo a visualizar a complexidades dos fenômenos. Embora se distancie das metodologias tradicionais, temos o rigor científico necessário, que se configura no estudo teórico (e investigativo) de uma série de métodos científicos, procedimentos e técnicas adequados para descrever e, sobretudo, analisar os sentidos, significados relacionados aos fenômenos nos quais os sujeitos se circunscrevem. Assim, o pesquisador abraça amplamente as demandas do sujeito pesquisado, lhe conferindo escuta sensível e valorizando o espaço/processo interacional em sua complexidade inquietante.

Outro suporte teórico-metodológico que se faz presente neste trabalho é a teoria/análise do discurso. Para tal, cabe destacar que dentre as nuances possíveis na análise do discurso, apontamos para a perspectiva enunciativa bakhtiniana.

As ideias presentes no círculo de Bakhtin permitiram pensar no nascimento de uma análise dialógica do discurso, de modo que não se estabelece uma definição fechada do que seria esta análise, até porque o fechamento enquanto definição iria confrontar termos que situam o discurso na perspectiva dialógica. No entanto, é possível postular sobre o embasamento que a constitui, que seria a indissociabilidade da relação entre línguas, linguagens, história e sujeitos que instaura os fenômenos linguísticos como espaços que possibilitam produção de conhecimento de modo responsável e comprometido, e não apenas um processo adequado teórico/metodologicamente (BRAIT, 2007).

Brait (2007, p. 14) fala da análise dialógica do discurso. Segundo a autora,

O processo metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos se dá [...] herdando da linguística a possibilidade de esmiuçar os campos semânticos, descrever e analisar as micro e macro organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda, ultrapassando a necessária análise dessa "materialidade linguística", reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam [...] e, a partir desse diálogo [...] chegar [...] à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos.

3.2-Procedimentos

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa mais ampla, onde o trabalho é construído na perspectiva das redes de significações, isto é, o processo terapêutico da criança com alterações significativas de linguagem, a família e a escola. Tal pesquisa, intitulada "A Construção da linguagem, patologias e a prática clínica" foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o nº. 0052.0.107.000-11.

A escolha por um trabalho em redes possibilita, dentre outras, haurir conhecimento do cotidiano desses sujeitos e aumentar as potencialidades significativas do trabalho. Permite ainda trazer dados linguísticos e psíquicos que potencializam a exequibilidade deste trabalho. Desta forma, em função da perspectiva do trabalho em redes, há um amplo contexto de significações que nos permite intervir de maneira mais condizente com a perspectiva da qual tentamos nos aproximar. O trabalho norteado por estes princípios aconteceu na Universidade Federal de Sergipe, no Laboratório de Comunicação Alternativa.

Os sujeitos que são atendidos no ambiente terapêutico semanalmente, e todos os atendimentos são registrados em relatórios que são anexados em um banco de dados onde todos os integrantes do grupo de pesquisa possuem acesso, o que converge nas premissas da participação coletiva da pesquisa-ação colaborativo-crítica e da valorização do embate enunciativo. Foram realizadas reuniões de supervisão semanalmente, nas quais são discutidas as práticas construídas nas três redes abordadas pela pesquisa.

Neste trabalho, foram selecionados dois sujeitos pesquisadores (estagiários integrantes do referido grupo de pesquisa) denominados T1 e T2, escolhidos em função de um trabalho terapêutico mais especificamente voltado à implementação da CAA. Trabalhamos com dados buscados nas gravações em áudio das supervisões citadas anteriormente. Estas ocorreram no período de setembro de 2011 a setembro de 2012. Eram semanais, com duração aproximada de 4 horas, sempre realizadas com a presença de todos os integrantes da pesquisa, de modo que eram discutidos, no sentido amplo do

discurso, todos os atendimentos, entrevistas, visitas escolares e domiciliares. Cabe ressaltar que as supervisões foram gravadas (gravador Sandisc, modelo SDMX20R-016GK) e transcritas, totalizando quarenta dias de gravações. Através da Análise do Discurso bakhtiniana foi possível analisar a movimentação do discurso metalinguístico sobre as práticas efetuadas.

4- Resultados e Discussão

Atendendo a proposta e compondo de corpus de análise deste trabalho, apresentarei agora os principais aspectos encontrados na análise do discurso metalinguístico apresentados por T1 e T2.

Analisando o discurso de T1 percebemos que existe uma preocupação em significar as atividades de forma ampla. Uma justificativa de aplicação da sua proposta é a valorização dos contextos sociais. Desta maneira, é pertinente destacar que o discurso que era firmado neste trabalho, nas supervisões, era potencializador de aspectos fundamentais nesta proposta. Assim como a estruturação do outro no discurso, que concretiza e dá vida ao discurso, a presença da discussão coletiva traz os aspectos não observados por T1, e até mesmo a necessidade de partilhar desta façanha que é a opinião crítica, que coloca a proposta em análise.

Pôde-se analisar que em muitas situações o discurso de T1 instaura uma posição de incompletude que concebe o sujeito da palavra. Traz as situações que revelam a complexidade dos fatos e dos fenômenos que apresentam uma multiplicidade de possibilidades de interpretação e, por consequência da partilha do discurso coletivo, aumenta também as possibilidades de aproximar-se de uma proposta cada vez mais dentro dos sentidos do discurso, no e pelo próprio discurso.

Os elementos que são problematizados no discurso de T1 demarcam condições privilegiadas de abertura à para interpretação crítica. Estas possibilidades puderam ser evidenciadas nas reticências do discurso de T1, que nos mostra que as atividades e os fenômenos neste percurso coletivo ganham uma conotação de imprevisibilidade, de complexidade. Este diálogo parece ser constitutivo de sentidos no discurso instaurado entre a terapia e a interpretação coletiva. Acima de tudo, é uma posição de valorização dos sentidos no diálogo, no embate enunciativo, embate esse que fundamentalmente precisava ser mais explorado na própria sessão de atendimento terapêutica, efetivando a colaboração crítica da pesquisa-ação.

No discurso de T1 percebe-se também que, ao colocar-se numa posição de indeterminação, de um processo inacabado que vive do dinamismo, ampliam-se os pontos de recebimento do discurso. É um posicionamento que, ao se abster de constatações objetivistas, traz um discurso mais reticente que institui o sujeito na interação com outras vozes sociais, o mesmo que se estende ao processo terapêutico em si.

Foi possível perceber que os questionamentos trazidos à supervisão lhes conferem um sentido mais amplo, de apontamentos ideológicos. Isso possibilitou reflexões mais específicas na processualidade técnica das atividades de linguagem escrita, numa perspectiva que torna possível e necessário que as práticas, por mais específicas que elas sejam, aproximem-se das unidades valorativas do sujeito, das vozes sociais que se fazem presentes e, assim, tornem-se efetivas. Desta constatação se extraem sentidos polissêmicos, no sentido bakhtiniano, que se aplicam teórico-metodologicamente aos pressupostos dialógicos/ideológicos/sociais da enunciação e dos princípios de intervenção críticos/reflexivos/colaborativos da pesquisa-ação.

Aceitando o olhar da análise do discurso, em práticas colaborativas, foi possível encontrarmos distanciamentos no discurso de T1, o que nos mostra que as nuances do discurso ainda não são exploradas em sua totalidade. Percebe-se que ao remeter ao processo de implementação, de novas estratégias, o discurso ainda carrega a necessidade de trazer a significação dialógica para a especificidade dos eventos, ou seja, não só da escolha do tema para a sessão terapêutica, mas das possíveis interrogações que se fazem e mantém o processo dinâmico e vivo na dialogia.

Ainda enquanto distanciamento pôde-se observar, graças a um olhar coletivo, que falta no discurso de T1

uma postura que valorize mais efetivamente na sessão os sentidos da interlocução dialógica. Desta maneira, a sustentação do diálogo caminharia paralela à implementação da CAA, de modo que os apontamentos e as análises desta sustentação poderiam nortear os caminhos mais específicos das atividades linguísticas.

As análises lançadas ao discurso de T2 nos apontaram que existe uma preocupação mais acentuada no sentido que a terapia representa para o sujeito. De como esta é vista em funcionalidade que se atrela as relações da vida.

Na busca por práticas de implementação, ou melhor, de efetivação da dinâmica alternativa na comunicação, percebe-se no discurso de T2, o valor enunciativo atribuído aos eventos das sessões enquanto enunciado. Este, sempre em resposta de semelhanças ou dessemelhanças a algum outro fato, seja de um modo ou de outro e em qualquer grau. Assim, os enunciados não são colocados enquanto alheios, são sempre advindos da tensão constante.

Assim, percebe-se neste segmento que existe uma valorização das intenções do sujeito, uma preocupação com a responsividade, uma preocupação com a CAA enquanto conjunto de práticas e ações que busquem a funcionalidade da comunicação que lhe permita sustentação ao seu discurso. O discurso construído dilata a recepção para o próprio discurso, ou seja, os pontos que recebem novos discursos, novas análises, novas possibilidades de interpretação, de busca mais ampla e dinâmica naquilo que é por contingência dotado de complexidade. Assim, buscou-se ressignificar o sentido de *setting* fonoaudiológico, de modo que o discurso se torna teoria, método, resultado, análise e discussão.

O discurso dos relatórios de T2 das supervisões nos apontam efeitos que se entendem como aplicabilidade terapêutica, desde as reflexões norteadoras, que se fazem constantes, ou até mesmo intervenções mais estruturais/técnicas. O diálogo construído nas supervisões tem uma funcionalidade que se faz no embate enunciativo, no confronto e na partilha. O fluxo das ações culmina em processos reflexivos e destes advêm possibilidades plurais apontadas no e pelo próprio discurso.

Os efeitos dos segmentos apresentados nos relatórios de T2 aparecem num tom de inconclusividade e de outras possibilidades que se extraem dos momentos da supervisão, espaços intersubjetivos privilegiados. Assim, existem nestes momentos uma potencialização e uma ampliação dos pontos de recebimentos do discurso, ao passo que permite aberturas críticas e traz seu discurso na construção colaborativo-crítica de nossa metodologia.

Assim como no propósito enunciativo, a pesquisa-ação colaborativa-crítica pressupõe uma relação, um diálogo entre o pesquisador/terapeuta e os sujeitos/ participantes. Deste pressuposto estendem-se duas vias na construção das relações: uma que aponta para a colaboração e negociação de procedimentos investigativos, em um entendimento mútuo e outra via será, a supremacia das intervenções do pesquisador, o que faz desta via, um processo estratégico (ALMEIDA, 2010).

Momentos de discurso, como nas supervisões, em que pesquisadores-autores que revelam conhecimento implícito e explícito sobre pesquisa-ação colaborativo-crítica. Neste processo de apropriação, do conhecimento, observa-se intencionalidade e escolha por interações no contexto de pesquisa, o que afasta quaisquer possibilidade de neutralidade na pesquisa-ação colaborativa-crítica, bem como na perspectiva bakhtiniana.

Na perspectiva teórico-metodológica assumida, das relações que são estabelecidas é possível apontar que o discurso, pode e deve acompanhar as ações e assim agir na constituição do problema, na compreensão da realidade, na processualidade da pesquisa e nas intervenções.

Outro aspecto que aproxima a enunciação da pesquisa-ação colaborativa-crítica é construção dos sentidos na relação terapeuta-pesquisador e sujeitos-participantes. A construção de conhecimento aqui é dada na relação com o outro, que depende tanto da sustentação do papel construído pelo pesquisador, como dos

participantes. Por configurar como uma dialética no diálogo autor e ator podem advir ações múltiplas em um mesmo estudo.

A coletividade e a ausência de neutralidade nestes processos colocam o diálogo travado entre os sujeitos e pesquisadores, e entre os pesquisadores ativos um momento capaz de trazer os sujeitos para o eixo central das pesquisas, e torna o grupo auto-reflexivo e ativo na investigação. Desta forma, buscam-se transformações no grupo pelo próprio grupo em vínculos colaborativos.

A este grupo de interlocutores ativos, Habermas chama de críticos-amigos. E neste aspecto, de entendimento intersubjetivo da pesquisa, os sujeitos encontram no espaço terapêutico, uma proposta privilegiada. Os sentidos do diálogo também são valorizados, assim, aprenderemos a trabalhar com o outro revendo conceitos e paradigmas que não suprem a demanda. O pesquisador se torna crítico-amigo quando é capaz de abandonar sua posição de observador externo, e leva os sujeitos a agirem com mais prudência e autoria no sentido crítico da transformação (ALMEIDA, 2010).

Destaco um segmento abaixo, um trecho de uma transcrição da supervisão, no qual se tentou mostrar tais efeitos e sentidos que foram apontados, no sentido de “efeitos do e pelo discurso”.

LM1: eu tava já ... pensando que ... com essas palavras que a gente tentou ... o reconhecimento... que a gente poderia ... aproveitar elas e ... ir trazendo outras possibilidades ...

LF2: é ... eu vou ficar vindo nas sextas...

LF1: é ... mas não pegue tudo pra si não ... deixe eles aprenderem ...

LF2: certo ...

*LF1: e é muito importante ... vocês irem do texto ... mas também partir da palavra ... variar sabe ... ir pra letra ... por que se não ... a gente não avança né ... e eu também queria dizer que ... como é importante ... a gente não ter melindres ... por que ... a **F... apontou que achou muita cobrança para o piscar de M... na sessão passada... e a gente viu que na verdade ... a gente pode potencializar... a técnica... mas sem deixar a sessão como um quartel né ... e como é bom a gente ter a liberdade e se sentir bem ... em apontar defeitos... por que o outro ... consegue ver coisas que a gente não vê ... num determinado momento né ... vamos ... seguir ...**” (07/06/12).*

5-CONCLUSÕES

As propostas que tentamos neste trabalho nos colocam numa busca constante aos sentidos do diálogo (terapeuta/paciente, terapeuta/terapeutas, terapeuta/diálogo e paciente/diálogo) enquanto norteador de práticas. É fundamental analisar os erros, as práticas, as interpretações, as possibilidades de intervenção que são apontadas e retornadas no próprio discurso. Deste modo, percebe-se que as ferramentas teórico-metodológicas convergem em uma política de construção de sentidos no e pelo do discurso, este enquanto uma construção coletiva.

No diálogo que foi construído existe uma inconclusividade de ações, atendendo à complexidade e à imprevisibilidade que permeia o processo. Destas reflexões, foram hauridos apontamentos, como a necessidade de ampliação do olhar reflexivo. Nesta ampliação, a enunciação, enquanto discurso, serve de elo, de contato factual, e mais significativamente para este trabalho, a contemplação intersubjetiva das ações construídas.

6-REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M, L. Uma análise da produção acadêmica sobre os usos da pesquisa-ação em processos de inclusão escolar: entre o agir comunicativo e o agir estratégico. 2010. p. 233. Tese de doutorado em Educação – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, 2010.

ARAÚJO, I. L. Do signo ao discurso: Introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2004.

ARAUJO, S, M. Clínica de linguagem: sobre a posição do fonoaudiólogo na relação com a fala sintomática e de crianças. In: ARANTES, L.; LIER-DEVITTO, M.F. (ORGs.) Aquisição, patologias e clínica da linguagem. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006. p. 395-412.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003. 476 p.

_____. Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução Michel Wisnik e Yara Franteschi Vieira. 12 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006. 203 p.

BARBIER, R. A pesquisa-ação. Brasília: Líber, 2007.

BERSCH, R; SCHIRMER, C. Tecnologia Assistiva no Processo Educacional. IN: Ensaio Pedagógico Construindo Escolas Inclusivas, p.87-92. Brasília, 2005. Distrito Federal: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial.

_____. R. Introdução à Tecnologia Assistiva. Porto Alegre - RS: Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil, 2008.

BRAIT, B. Bakhtin conceitos-chave. 4 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007. 223p.

FRANCO, A; DAVIS, C. A escola que serve para alguns: reflexões em torno do processo De construção da consciência de si na perspectiva vigotskiana. ANPED - Reunião Anual da ANPED, 32. 2009, Caxambu. Anais. Disponível em: . Acesso em: 21 de maio de 2010.

GONÇALVES, M. J. Comunicação alternativa na fonoaudiologia: uma área em expansão. São Paulo, Rev. CEFAC, v (.10), n (3), jul- set. 2008. Disponível em: . Acesso em: março de 2012.

JESUS D, M; GIVIGI R, C, N. Implicações Éticas na Pesquisa-Ação. In: LOPES, K, J, M; CARVALHO, E, N, C; MATOS, K, S, A, L. (ORGs). Ética e as reverberações do fazer. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p. 33-45.

LACERDA, C. B. F; NUNES, D. R. P; NUNES, L. R. 2007. Um breve histórico da pesquisa em comunicação alternativa na Uerj. In: M. GOMES; M. PELOSI; L. NUNES (Orgs.). Um retrato da comunicação alternativa no Brasil. Rio de Janeiro, Eduerj.

MATOS, K, S, L e VIEIRA, S, L. Pesquisa Educacional: O Prazer de conhecer. Fortaleza: Ed. UECE, 2001.

TURATO, E, R. Tratado de metodologia da pesquisa Clínico-Qualitativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

WEEDWOOD, B. História Concisa da Linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

[1] Graduanda do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Iniciação Científica/PIBIC - UFS: Grupo de pesquisa: **A construção da linguagem, patologias e a prática clínica/UFS**. E-mail: mariliav03@hotmail.com

[2] Graduanda do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Iniciação Científica/PIBIX- UFS: Grupo de pesquisa: **A construção da linguagem, patologias e a prática clínica/UFS**. E-mail: rakkel_souza@hotmail.com

[3] Mestrando em Ciências Fisiológicas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Fonoaudiólogo graduado pela UFS. Grupo de pesquisa: **A construção da linguagem, patologias e a prática clínica/UFS**. E-mail: solanofigueiredo@hotmail.com.